



A SENHORA
DO FIM DO MUNDO

– capítulo 111 –

Yertha sentia sua cabeça latejar. Parecia com a sensação de ter sido apunhalada com um cepo de madeira, embora ela não lembrasse se de fato, tivesse acontecido algo.

Estava sozinha em um quarto iluminado por apenas uma pequena vela. Não era o maior aposento que havia visto, mas ao menos parecia ser confortável. Um pequeno lustre pendia do teto, apagado, e ao lado da cama, estava uma mesa de pedra branca. Só após um curto período fora perceber que não sabia onde estava.

Bore! Meu filho, onde ele..., pensou Yertha. Contudo, a realidade caiu sobre sua cabeça como uma flecha quando lembrou que já não tinha mais seu filho ao seu lado. *Malditos... eu juro que vou acabar com todos aqueles malditos...*

A ruiva havia matado, além dos assassinos que invadiram sua casa, pelo menos mais uma meia dúzia de saqueadores. Queria ter matado muito mais, feito-os sofrer, nadar em seu sangue. Todavia...

Lembro-me de ter lutado contra aquela mulher, mas...

Por mais que se forçasse a lembrar, nada sequer aparecia em sua mente, pelo menos nada após o combate. Suas memórias estavam embaralhadas, isso não era bom. Ficou sentada, de cabeça baixa, na beirada da cama por algum tempo. E só depois que a tontura passou, se atreveu a levantar.

A tontura logo voltou quando se pôs de pé. Sentiu as pernas fraquejarem, fazendo-a desmoronar no chão frio de mármore. Com dificuldade, se sentou, e se encolheu. Tremia, e não sabia se era de frio ou de medo do desconhecido.

Não demorou muito para que ouvisse o som de passos. Eram lentos, mas leves, delicados. Olhou para a porta do aposento, onde agora uma mulher, de cabelos ruivos trançados, estava paralisada. Seus olhos estavam arregalados, cheios de surpresa.

A ruiva correu depressa para seu auxílio, e ajudou Yertha a levantar, pondo-a de volta na cama. Após uma breve examinada no corpo da guerreira, a ruiva suspirou, aparentemente aliviada.

Yertha pensou em fazer alguma pergunta à mulher; qualquer coisa que pudesse esclarecer um pouco a sua mente confusa. Entretanto, falar se provou algo difícil, quase impossível. Tudo que conseguiu foi gemer e grunhir, coisas que provavelmente não significariam nada para a pessoa que a tratava.

— Vai ficar tudo bem, Yertha. — Foi até uma mesinha e pegou um copo, no qual despejou água. — Não posso acreditar que você voltou após tanto tempo desacordada.

Yertha ficou sem entender. Apenas olhava confusa, na esperança de encontrar algo lógico por trás de tudo aquilo.

Com certa rapidez, mas de forma gentil, a ruiva lhe administrou alguma espécie de chá, que ao menos aliviou suas dores na cabeça. Em seguida, deixou o aposento novamente, largando Yertha a própria sorte mais uma vez. Somente depois de muito tempo de a mulher a ter deixado que a guerreira pensou na possibilidade de tal chá ser na verdade alguma espécie de veneno. Se fosse, morreria em breve, isso era fato.

No fim, tal líquido era apenas algum remédio. Embora estivesse melhor, Yertha ainda não podia sequer se manter em pé, portanto, tudo que fez foi permanecer deitada, na esperança de que alguém aparecesse.

E esperou.

Não soube quanto tempo se passou.

A Valquíria se surpreendeu quando Eir apareceu, de forma escandalosa e afobada, nos seus aposentos. Zero lia um pequeno trecho de um livro chamado “*A Época de Caça em Niflheim*”, uma obra muito popular escrita pela rainha do Mundo Gelado.

Mas quando sua irmã, responsável pelo tratamento dos guerreiros, escancarou a porta de forma violenta, Zero pensou que a ruiva traria notícias de um ataque à *Asgard*. No entanto, Eir trouxera novidades mais agradáveis.

A guerreira adquirida em sua última caçada, havia finalmente acordado, embora muito fraca. Quando ouviu o relato de sua irmã, forçou um sorriso, e cumprimentou-a, elogiando seus cuidados.

Com a sua melhor inexpressividade, a *Valquíria do Infinito* acompanhou Eir até o local onde a guerreira descansava. Yertha ficou perplexa quando viu Zero, e por pouco não desmaiou, em choque.

Agora, ambas as valquírias tentavam explicar tudo que lhe acontecera.

— Como eu já lhe disse, você está em *Valhalla* — comentou Zero, encostada na parede oposta à cama. — E agora que acordou, poderá iniciar seu treinamento.

— Onde está Bore? E Devar? — A guerreira perguntava, desesperada, desde que conseguiu voltar a falar de forma mais natural. — Eu lhes imploro, diga onde estão.

— Quem são esses, mulher?

A tristeza pareceu tomar conta de Yertha subitamente quando ouviu a pergunta da Valquíria. Acabou não respondendo, e se ateve apenas a beber o chá que Eir lhe repôs.

— Provavelmente eram seus parentes, Zero. Talvez seus filhos, ou marido. Eles não são os outros dois que você trouxe da caçada?

Zero meneou a cabeça. Os dois guerreiros que a Valquíria trouxe tinham nomes totalmente diferentes. Se a memória não lhe falhava, eram Ruppa e Farjok, dois homens sem um pingo de refinamento em suas técnicas, mas que tinham grande potencial.

— Eir, gostaria de ficar a sós com ela — solicitou Zero.

— Farei apenas porque tenho muito respeito por você, sabia? — a valquíria ruiva sorriu e, em seguida, deixou o local para se ocupar com seus afazeres.

Um silêncio nada agradável caiu sobre o ambiente. Yertha nada falava devido ao estado de choque em que se encontrava. E Zero apenas respeitou o momento, pelo menos até certo tempo.

— Você deu muito trabalho — A *Valquíria do Infinito* questionou, quebrando o silêncio. Fez dois movimentos circulares com o dedo indicador, depois estalou os dedos. Sua mão brilhou, dourada. Tal brilho se expandiu, formando uma espécie de bolha ao redor das duas mulheres. — Agora podemos falar em paz. Creio que já tenha ouvido a expressão “as paredes têm ouvidos”. Em *Valhalla*, ou em qualquer lugar de *Asgard*, tal afirmação é muito verdadeira.

— O que aconteceu com minha família? Por que não estão aqui em *Valhalla* também?

— Provavelmente estão em *Helheim*, fazendo companhia aos dragões de ossos de Hel — disse despreocupadamente. — Preciso que entenda uma coisa agora, e isso tornará sua vida muito mais fácil a partir de hoje: esqueça de sua vida em *Midgard*. Você agora é minha protegida, e não quero alguém que fique chorando pelos cantos. Consegue entender?

Yertha engoliu seco. Sentiu o olhar perfurante da Valquíria atravessar-lhe a alma. Ela sabia que não poderia recusar Zero, mas aquilo era um pedido difícil demais de realizar. Encarou os olhos esmeralda da mulher e assentiu.

— Quero ouvi-la dizer que entendeu — disse Zero, num tom profundo e sombrio.

Assentiu mais uma vez, mas dessa vez falou também:

— Eu entendo.

— Ótimo, agora que tiramos isso do caminho, posso responder suas perguntas — a expressão sombria deu lugar a um sorriso sereno.

A protegida se ajeitou na cama e bebeu mais um gole do chá. Milhares de perguntas rondavam sua mente, não sabia o que perguntar primeiro. Pensou um pouco, e então começou a massacrar a Valquíria com perguntas:

— Uma coisa de cada vez, Yertha Rakjar — sentou-se ao lado da mulher. — Você está afobada demais. Relaxe um pouco, tome o chá, afinal temos muito tempo...

A noite havia chegado mais uma vez, e com ela a lua. A *Valquíria do Infinito* levou sua protegida para seus aposentos pessoais para poder vesti-la à altura.

O local era bem iluminado por diversas tochas presas nos cantos do cômodo. Um armário se erguia no fundo da sala, e ao lado, estava uma grande cama com colchão de plumas.

— Vista isso — Zero, após selecionar o vestuário, jogou um gibão azul escuro e uma calça de couro para Yertha. A guerreira trajava apenas uma simples vestimenta de linho, e quando viu a roupa nova, comemorou por dentro. — Vamos partir em breve.

— Você é uma valquíria, não é? — Yertha começou, se livrando do linho. Analisava o gibão com bastante atenção, e logo chegou à conclusão de que era muito bem confeccionado. — Por que não está, sabe, fazendo coisas de valquíria?

Zero estava sentada em uma cadeira de madeira almofadada, e observava com atenção a mulher se trocar. O corpo de Yertha, como era de se esperar de uma guerreira, era torneado, com músculos bem definidos.

— Porque simplesmente não estou muito afim — deu de ombros. — Além disso, tive alguns problemas com Odin, então as coisas se complicaram um pouco para o meu lado.

— Então até as poderosas valquírias se deparam com problemas... — murmurou, um olhar baixo e triste.

— Sente-se triste? — Questionou Zero.

Sentada na beirada da cama, Yertha vestia as calças que lhe foram dadas.

— Por que pergunta? Não é como você se importasse — respondeu.

— Posso não me importar, contudo, interesse-me na fixação sentimental que humanos possuem — começou. — Pego-me pensando algumas vezes sobre vocês, seres de Midgard, que parecem transbordar de felicidade quando chegam em Valhalla, mas que por dentro, escondem um passado triste, uma família que abandonou.

Zero dizia tudo aquilo, mas entendia muito bem o sentimento. Sofreu demais quando chegou em Valhalla, embora tenha melhorado de vida consideravelmente desde que saiu de Midgard. No entanto, ela precisava parecer forte, era uma das líderes de Asgard.

— Isso tudo se chama sentimentos, senhora — retrucou a protegida, sem olhar para a Valquíria. — Pensei que por ser uma das criações de Odin, você conseguiria entender isso.

— Fui ensinada a comandar um exército, não a entender sobre um sentimentalismo qualquer. Imagine se fôssemos vítimas de sentimentos como vocês? — cruzou os braços. — Nosso trabalho seria muito mais difícil, afinal, teríamos que nos preocupar com coisas como “pena” ao trazer guerreiros para Valhalla. “Será que a família dela sentirá sua falta?” é um pensamento que não passa por nossas cabeças em nenhum momento. Assim, somos eficientes.

— Não sou como você! E nunca sequer quis vir para esse lugar! Só quero ter meu filho de volta... — lágrimas começaram a escorrer de seus olhos. No entanto, a mulher tinha uma expressão de ódio em seu rosto.

— Chorar não o trará de volta, Yertha. Em vez de gastar seu tempo com isso, pense em vingá-lo, pense em mostrar para o cosmo que você não é refém de um destino imposto a você — motivou sua protegida, com uma voz firme e poderosa.

Um silêncio se impôs no ambiente, mortal. Ficaram por algum tempo com aquele clima, enquanto Yertha terminava de se vestir. As lágrimas iam se acabando, e a valquíria apenas matinha um olhar firme e vigilante.

— Aproveite a vida nova que você terá. Você será bem tratada aqui, não se preocupe — a valquíria quebrou o silêncio. — Logo você viajará comigo, e preciso de você em condições para tal.

A ruiva apenas confirmou com a cabeça. Em seguida, encarou Zero, e depois, voltou sua atenção para um par de botas negras com fivelas douradas que estava ao lado da cadeira onde Zero se sentava.

— Posso usar? — perguntou apontando para as botas.

— Sinta-se à vontade.

Pegou as botas e começou a calçá-las. Nesse meio tempo, continuou a conversa com sua mestra:

— Parece-me que você planejou tudo isso desde o começo — calçou e afivelou a bota direita. Era o tamanho perfeito. — Como se tivesse alguma coisa em mente, desde trazer-me aqui até a viagem que vamos ter.

— Pense o que quiser — disse monotonamente.

— Farei isso — Yertha respondeu, afivelando a bota esquerda.

Cruzavam um dos muitos corredores de *Valhalla* quando deram de cara com a recém-nomeada *Líder das Valquírias*.

— Então esta é a famosa guerreira capaz de derrotar Ognar! Seja bem-vinda, garota — Siegrdrifa exclamou, abraçando Yertha. Acompanhada da *Incitadora* estava Skögul, que apenas murmurou um cumprimento.

— Quem é Ognar? — A pupilo de Zero perguntou, afinal não conhecia ninguém além de Eir e sua própria protetora.

Siegrdrifa a revistou dos pés à cabeça com seus grandes olhos azuis.

— Tão franzina — disse, remetendo à aparência da mulher. — Minha querida, Ognar é simplesmente o guerreiro mais poderoso que temos.

— Isso é verdade, senhora Zero?

— Pelo visto ela não acredita na sua palavra, Siegrdrifa — quem comentou foi Skögul, soltando uma risada abafada.

A *Valquíria do Infinito* se pronunciou antes que a *Incitadora* tivesse a oportunidade:

— Pode ser que seja verdade. Não saberemos até você lutar com ele — deu de ombros, olhando de soslaio para suas irmãs valquírias. Verificou que Siegrdrifa preparava-se para uma resposta, a qual ela teria tido a oportunidade de dar se Zero não continuasse sua fala. — Todavia, temos que viajar, seu treinamento não se completará sozinho.

— Espere um pouco, para onde vai, irmã? — A valquíria dos cabelos negros não conteve a curiosidade. — Além disso, você não pode levar guerreiros de *Valhalla* para treinamentos exclusivos, ainda mais que sejam fora de *Asgard*.

A Valquíria suspirou, e Skögul meneou a cabeça. Ambas sabiam da natureza mandona de Siegrdrifa, a qual se exaltou ainda mais depois que assumiu o controle do Salão dos Guerreiros.

Entretanto, a *Incitadora de Vitórias* estava com a razão naquele momento. Zero não poderia reclamar nem se quisesse, pois, treinamentos especiais eram, de fato, proibidos, a fim de evitar confrontos entre todos devido a favoritismos.

A valquíria cega apoiou uma das mãos no ombro da líder:

— Vai realmente querer entrar nesse mérito com ela?

Siegrdrifa a encarou por um bom tempo, mas tudo que conseguia ver era seus olhos enevoados e sem expressão. Em seguida, fitou a loira dos olhos esmeralda, que sorria despreocupadamente, provavelmente gozando de sua cara por dentro.

Sentiu uma espécie de ódio subir-lhe a cabeça. Queria socar aquele maldito sorriso. Não o fez. Se acalmou, e só então respondeu Skögul:

— Se acha que estou preocupada com o fato de ela ser uma das mais bem-sucedidas valquírias, sinto-lhe dizer, mas eu simplesmente não ligo — foi isso que respondeu, mas no fundo, preferia não ter dito. — Se ela quiser levar algum guerreiro, precisa de autorização de Odin.

— Até onde sei, posso tornar qualquer um deles em um discípulo.

— Mas não pode...

— *Posso* — interrompeu a *Incitadora*, num tom tão cortante quanto a lâmina de uma espada. — Entender-me-ei com Odin quando chegar a hora, até lá, esqueça que Yertha sequer pisou aqui. Compreendeu?

A personalidade dominadora de Siegrdrifa se esvaiu assim que Zero terminou seu discurso. Um pesado silêncio caiu no ambiente, e tudo que todas fizeram foi se entreolhar.

Após respirar fundo, Skögul quebrou o silêncio.

— Já a batizou com uma alcunha, irmã? — Perguntou, tentando alegrar um pouco a todos.

Zero meneou a cabeça.

— Ainda não me decidi.

— *Silenciosa* é um bom título — a valquíria cega indicou. — A mulher vive sem soltar um pio praticamente.

— Concordo, embora silêncio não combine muito com você, Zero — *Incitadora* riu, na esperança de sair da saia justa que ficou, mas apenas ela o fez. — Estão todos de mal humor?

— Depois dessa trágica tentativa de piada, provavelmente sim.

E dessa vez todos riram, exceto *Siegrdrifa*.

— Desafiar aquela mal-encarada não vai trazer consequências? — *Yertha* perguntou enquanto desciam um dos milhares lanços de escadas que iam em direção à zona principal de *Asgard*. — Ela não me pareceu ser alguém que leva insultos levemente.

A ruiva dos cabelos trançados possuía certa razão. Zero cansou de ter desentendimentos com *Siegrdrifa*, os quais sempre acabavam ou em duelos individuais, ou em uma intervenção de *Odin*. Nunca houve sequer uma discussão a qual não fora resolvida aos tapas, pelo menos até momentos atrás.

Seguiram descendo as escadas, de forma tranquila. A luz do luar iluminava as ruas da cidade dos deuses, enquanto o bater dos tambores ainda continuava graças ao festival dos *Vanir*. Alguns *aesir* tomavam uma espécie de bebida em suas sacadas, iluminadas por lâmparinas de luz esverdeada.

Ao terminar os infindáveis degraus, adentraram uma viela. Zero respondeu *Yertha* em seguida:

— Haverá consequências, obviamente. Contudo, nada muito importante a ponto de me fazer ficar preocupada. Aconselho-a a esquecer de *Siegrdrifa* e se concentrar nos nossos próximos objetivos — no fim da viela, encontrava-se a praça principal, onde o festival continuava a todo vapor. A *Valquíria* verificou o quão viável seria passar por lá, ou contornar por mais vielas. Não havia dúvidas, teria que atravessar meia cidade para sair.

Deu meia volta, e entrou em um pequeno beco. Poças de lama e cerveja eram as únicas coisas que adornavam o chão de ladrilhos de pedra branca. Casas altas de mármore comprimiam a rua, e devido sua altura, impediam a iluminação lunar, deixando tudo muito escuro, onde apenas poucos lugares se safavam graças a algumas pequenas tochas presas às casas.

O silêncio da caminhada não durou muito tempo. Apesar do recém-recebido nome de *Silenciosa*, a guerreira de *Midgard* era bem falastrona quando a sós com a *Valquíria do Infinito*.

Isso levou Zero a pensar que talvez aquela fosse a forma de Yertha de desviar sua atenção do fato de que jamais veria sua família novamente.

— Eu meio que andei pensando — disse *Silenciosa*, despreocupada. — Por que quer me levar seja lá para onde estamos indo? Eu entendo toda essa coisa de aprendiz e tudo mais, porém não vejo o motivo pelo qual devemos sair de *Valhalla* se vai me treinar.

— Não iremos só treinar — respondeu, sem sequer olhar para a mulher. Estava ocupada demais observando por qual caminho seguiriam. — Preciso resolver assuntos os quais Odin se recusa a dar conta. Ameaças estão à espreita, prontas para destruir todos nós, mas tudo que aquele velho pensa é em ler um maldito livro.

— Ameaças? — A guerreira questionou, claramente confusa com a afirmação da *Valquíria do Infinito*. — A senhora se refere ao Ragnarök, onde os gigantes travarão uma batalha com os deuses, e no fim trarão um novo ciclo de vida para o universo?

Ah, a doce ilusão, a mesma compartilhada por Odin e por todos os seres do cosmo, riu para si mesma. Achava divertido ver a mesma mentira ser contada por todas as gerações.

Zero sabia que não haveria um recomeço se os gigantes continuassem aumentando o seu poderio igual estavam a fazer. O Pai de Todos se acomodou no poder, e agora esperava apenas para que a Era de Ouro dos deuses recomeçasse após o Ragnarök. *Mas ele não viu o que eu vi, dragões de fogo, gelo, ossos. Mortos lutando contra os vivos, enquanto os gigantes pisoteiam tudo em seu caminho.*

Uma visão horrorosa, a qual Zero fez questão de comunicar ao Pai. Não foi ouvida, pois as Nornas nada haviam visto em relação aquilo, então não teria motivos para preocupação.

— Somente tolos acreditam num recomeço. Quando sairmos dos portões de Asgard, você verá o que eu vejo — concluiu num tom grosseiro.

Demorou certo tempo, mas finalmente saíram das apertadas vielas, dando de cara com os portões de prata de *Asgard*. Quatro lanceiros patrulhavam os muros da cidade, enquanto dois guerreiros de espada e escudo guardavam o portão do lado de fora. Todos eles envergavam pesadas armaduras de prata, tão parecidas com os portões que, se quisessem, poderiam se camuflar ali.

Avistaram Zero saindo do escuro beco, e logo a abordaram:

— Já está de saída, senhora Zero?

— O dever jamais permite que eu descanse, bom guerreiro — respondeu friamente. — Abra os portões, e avise Heimdall da minha partida. Não se preocupe, Odin já está ciente disso.

— É uma novata de *Valhalla*, senhora? — perguntou o guarda à Zero, apontando a lança para Yertha.

A *Valquíria do Infinito* confirmou com a cabeça. Não queria jogar conversa fora, e o guarda entendeu.

— Abram os portões! — Exclamou para seus companheiros, que prontamente agilizaram o processo.

O metal rangia em protesto, mas não importasse o quanto, não conseguiria impedir a abertura do portão. A *Valquíria* fitou o guarda e após sinalizar um agradecimento com a cabeça, chamou a atenção de Yertha para que seguissem viagem.

— Sabe por que aquele guarda perguntou se você é uma novata?

Yertha negou, curiosa.

— Bem, há dois palpites. O primeiro, é que ele elogia a minha primazia em treinamento de jovens guerreiros, ensinando-os tudo o que sei de forma impecável — falou, num tom gozador. — O segundo palpite é o que ele sente pena de você por ter de andar com a *valquíria* mais perigosa que já pôs os pés em *Valhalla*.

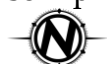
A ruiva sentiu um calafrio lhe percorrer pela espinha, e mesmo hesitante, se forçou a perguntar:

— E qual dos dois palpites seria o mais correto?

Zero não respondeu. Apenas seguiu em frente, com um sorriso despontando do canto da boca.

Atravessavam calmamente a pequena estrada de terra que levava para a robusta e imponente *Bifrost*, a Ponte Arco-Íris que ligava *Asgard* com o resto dos Nove Mundos.

Zero cavalgava num corcel negro como a noite, exatamente como o mesmo que perdera para os grifos dias atrás. Apelidou-o de Erk, não soube por que, mas gostava do som que fazia. Já sua protegida, Yertha, cavalgava numa égua castanha, robusta. Diferente da *Valquíria*, evitou dar algum nome para o animal. Os cavalos pareciam gostar do ritmo tranquilo e sem pressa das mulheres, pois não se queixaram nenhuma vez.



Silenciosa havia se mantido calada por um tempo após ficar sabendo que logo veria a famosa ponte. Contudo, o silêncio novamente se transformou em curiosidade, o que acabou gerando ainda mais perguntas para a *Valquíria do Infinito*.

Perguntou como *Heimdall*, o protetor de *Asgard*, era de verdade, e se a *Bifrost* era, de fato, feita de Arco-Íris. Questionamentos inúteis, mas Zero entendia de onde vinham.

A *Valquíria* evitou responder, queixando-se de que a mulher era curiosa demais. Em determinado momento, chegou a cogitar em levar *Yertha* de volta para *Valhalla*, para que seguisse viagem em paz. Após pensar duas vezes, não o fez.

Não demorou muito para que conseguissem enxergar o esplendor de cores da *Bifrost* no horizonte. A cada passo dado em direção ao local, mais impressionada com sua beleza *Silenciosa* ficava.

A guerreira dos cabelos trançados notou, além do esplendor incomparável da ponte, uma torre extremamente alta, cem metros ao leste do início do caminho colorido. Segurou-se para perguntar, e conseguiu aguentar a comichão da dúvida até chegarem na porta da construção.

Desmontaram dos cavalos e os amarraram em algumas árvores próximas, onde poderiam pastar um pouco. Depois, seguiram em direção à maciça porta de carvalho, a única entrada para a torre.

Silenciosa pensou em bater na porta, no entanto evitou fazê-lo ao lembrar de que se fosse necessário, Zero já teria o feito. Então esperou, um passo atrás de sua mestra.

A *Valquíria* percebera, enquanto esperavam em frente à porta, que *Yertha* parecia um pouco mais alegre, embora vez ou outra a expressão melancólica tomava seu rosto. Isso era bom, apesar de saber que provavelmente demoraria para que ela superasse, por isso não mantinha pressão sobre a mulher.

Ouviram o som de diversas trancas sendo liberadas atrás da porta. Em seguida, a porta se abriu, vagorosamente, arrastando-se no chão e gritando um grito terrível. Quando enfim foi aberta, um homem, roliço e suado apareceu.

— Olha quem resolveu aparecer! — Cumprimentou Zero com um sorriso, abrindo os braços para um abraço.

— Salve, *Heimdall* — a *Valquíria* cumprimentou-o de volta, igualmente sorridente. Foi até ele e o abraçou.

O homem era velho o suficiente para ter diversas rugas em seu rosto cansado. Sua barba cobria-lhe o rosto quase todo, estendendo-se até o peito, e aparentava estar molhada de cerveja. Envergava uma armadura simples amarelada, talvez de sujeira ou de ferrugem, e um meio-elmo de couro. Em suas costas, carregava um escudo redondo de madeira, e em sua

cintura, um cinto com uma espada pendendo da anca direita, e uma corneta na anca esquerda.

Enquanto abraçava a *Valquíria do Infinito*, percebeu a beldade que se encontrava atrás dela. Desvencilhou-se de sua amiga e foi cumprimentar Yertha, de forma muito mais galante.

— E quem seria esta bela dama? — Perguntou num tom gentil. Cheirava a muita cerveja e parecia estar bêbado. Se queria conquistar a guerreira, precisaria ao menos tomar um banho.

— Esta bela dama, caro Heimdall, é minha protegida — alegou Zero, num tom de advertência. — Então, se não for muito incômodo, saia de cima dela.

Ao ouvir o comunicado da Valquíria, o homem se distanciou o máximo que pôde no intervalo de meio segundo. Respirou fundo, ajustou o cinto da espada, e só então retornou à conversa, como se nada tivesse acontecido:

— O que a minha valquíria preferida está fazendo por aqui, em minha humilde *Bifrost*? Indo a mais um recrutamento em *Midgard*?

Zero meneou com a cabeça.

— Não, na verdade, estou indo para *Helheim*.

O pobre vigilante mal teve tempo de se recuperar do choque em relação à advertência da Valquíria, e acabou levando mais uma paulada de surpresa. Aquela ideia era tão errada e sem sentido que mal sabia por onde começar seu discurso sobre isso. O reino dos mortos era um lugar terrível, com um caminho perigoso, e extremamente traiçoeiro.

O velho protetor suspirou.

— Ora, ora. Parece que você tem o dom para se meter em coisas perigosas — Heimdall disse, enquanto dava tapinhas no ombro direito da Valquíria. — Talvez seja interessante esperar um pouco antes de seguir viagem.

— É mesmo, e por quê?

A expressão do homem tornou-se sombria. O assunto parecia ser extremamente delicado. Ou pretendia apenas fazer um suspense desnecessário.

— Melhor entrarmos, não gosto de conversas na *Bifrost* — fez um gesto para que Zero o seguisse. A valquíria apenas concordou, sem questionar. Ela sabia que quando Heimdall convidava para entrar na sua torre, algo ruim estava para acontecer.

Para a infelicidade da *Valquíria do Infinito*, os aposentos do vigilante ficavam no topo da construção. *Malditas escadas, malditos arquitetos*, xingava baixinho.

A Montanha Celestial, ou *Himinbjörg* era a moradia de Heimdall, e era de onde ele exercia seu trabalho. O *Guardião Vigilante*, como era chamado pelo povo em *Asgard*, passava dias e noites inteiras, observando a ponte de arco-íris, à espera de ameaças.

O homem não era a primeira defesa de *Asgard* apenas por capricho. Sua visão era tão aguçada, a ponto de ser capaz de ver qualquer coisa a milhões de quilômetros de distância. Como se não bastasse, Heimdall possuía uma audição poderosa, que lhe permitia ouvir a grama nascer do solo, e a lã crescer nas ovelhas.

Tudo isso, todavia, era realmente difícil de acreditar quando se via a aparência senil do vigilante. Sempre que Zero olhava para ele, lembrava-se da primeira vez que o viu.

A Valquíria duvidava de suas habilidades, e na época, era tola demais a ponto de fazer apostas. Confiante, apostou com o deus vigilante que ele não conseguia ver o que Freya fazia em seu jardim em *Vanaheim*. Caso saísse derrotada da aposta, teria que entregar cerveja nos aposentos de Heimdall por oitenta e três anos. Mas, se vencesse, o *Guardião Vigilante* teria que lhe entregar a corneta responsável pelo anúncio do *Ragnarök*. O resultado da aposta foi descoberto dois dias depois, quando diversas pessoas viram Zero subir as infindáveis escadas da *Montanha Celestial*. Após sete anos subindo lanços e mais lanços, a *Valquíria do Infinito* jurou seu desamor por qualquer degrau que existisse no cosmo. Mesmo assim, teve de continuar a realizar o trajeto por mais setenta e seis anos e parecia-lhe que as escadarias a amavam.

Para a subida se tornar mais agradável, Heimdall tentou quebrar o silêncio com uma conversa despreziosa:

— Essa sua protegida é sempre quieta assim?

— Não a chamo de *Silenciosa* por mero prazer, meu amigo — a Valquíria riu. — Contudo, ela é assim apenas quando há outras pessoas junto de nós.

— Não precisa ficar acanhada, não sou nenhum monstro ou coisa do gênero — soltou uma gargalhada, a qual ecoou por toda a torre. Apesar do incentivo, nem ao menos uma única palavra saiu da boca de Yertha. — Tem certeza de que você não a ordenou para que nunca falasse, ou talvez lhe tenha arrancado a língua?

— Talvez. Deixarei você imaginar o que quiser.

Quando chegaram no topo, adentraram nos aposentos pessoais do deus vigilante. O local era bem simples. Havia uma mesa de madeira redonda, e duas cadeiras, também de madeira, praticamente no centro da sala. Uma lamparina, acesa, estava no parapeito da janela que dava de frente para a ponte arco-íris. Em uma das paredes, feitas de mármore, havia algumas prateleiras, cheias de bebidas.

— Vamos, sentem-se. — O vigilante fez um gesto, incitando ambas as mulheres a sentarem. Zero se sentou, enquanto Yertha se dirigiu até a janela para apreciar a *Bifrost*. — Gostariam de beber algo? Mas é claro que sim!

O guardião pegou três copos de madeira e despejou cerveja em todos sem nenhum cuidado. Metade da cerveja foi derramada sobre a mesa.

— Não vai beber, *Silencio*? — Perguntou o protetor, sendo ignorado por completo.

— É *Silenciosa*, meu amigo — corrigiu-o. — Ela provavelmente não beberá, está muito ocupada apreciando a beleza de sua ponte. Até onde fiquei sabendo, em *Midgard* gostam muito de você e da própria *Bifrost*.

— É, sei disso — Dirigiu a pergunta para Yertha, corando, apenas para ser ignorado. — E ela realmente está vidrada nisso.

Zero não culpava sua pupila, afinal a Ponte Arco-Íris era de fato, incrivelmente bela. Sete cores se misturavam e se separavam ao longo do caminho, enquanto um brilho intenso iluminava todo o percurso. Tal fenômeno só era possível ser visto naquele lugar em todo o cosmo. Daí vinha a fascinação da ruiva dos cabelos trançados.

A Valquíria fitou o velho deus. Não queria mais perder tempo com conversa mole, precisava ir logo direto ao assunto se quisesse sair dali ainda naquela noite.

— O que lhe preocupa tanto, meu caro Heimdall? — Deu um gole na cerveja. Gelada. — Já sei, viu uma joaninha cair de uma folha e quer que eu vá ajudá-la.

Heimdall esvaziou o copo com apenas um gole, a cerveja escorria por sua barba.

— Bem — secou a cerveja na barba com o braço —, vi isso também, mas já pedi para que Sif o fizesse.

— Então pare de rodeios e me diga o que há de errado, homem! E me dê mais cerveja!

O vigilante despejou mais cerveja em ambos os copos.

— Está tudo errado, Zero. Não há como seguir para *Helheim*. Como você mesma sabe, para chegar lá, é necessário atravessar um portal localizado em Niflheim, já que os gigantes destruíram a estrada que levava até lá. — O vigilante deu mais um gole, esvaziando o copo novamente.

A valquíria, que ainda bebia a cerveja, parou assim que Heimdall fez uma pequena pausa. Repousou o copo na mesa, e em seguida, seus cotovelos.

— Sim, e não há qualquer problema em relação a isso. Skadi nunca nos negou passagem pelo portal. Por que essa preocupação súbita?

— Ela nunca nos negou passagem até ontem, você quer dizer — revelou, fazendo uma careta, como se estivesse se preparando para a reação da valquíria, a qual nunca veio. — Nada a dizer?

— Não — respondeu, curta e grossa.

— Mas eu tenho. Fiquei muito surpreso quando a ouvi ordenar seus homens para que impedissem qualquer um de atravessar o portal — sorveu mais um pouco da cerveja.

— Entendo — interrompeu o vigilante, num tom calmo. Em seguida, fitou Yertha na janela. — *Silenciosa*, venha cá — fez um gesto para chamá-la. — Estou em dúvida em um assunto, e gostaria de ter sua opinião.

Yertha foi até a pequena mesa redonda e pegou o copo de cerveja oferecido a ela. Depois de acabar com seu conteúdo, encarou o Guardião Vigilante, mas evitou pronunciar quaisquer palavras.

— Para chegarmos em nosso objetivo, precisamos atravessar o terrível Reino de Gelo, *Niflheim*. No entanto, parece-me que estão querendo bloquear nossa passagem, e talvez pretendam até nos matar quando chegarmos lá.

— Eu nunca falei que ela pretende matar vocês — Heimdall interrompeu, Zero ignorou.,

— Diga-me, o que seu povo faria caso soubesse de uma notícia dessas.

Antes de responder, *Silenciosa* pousou o copo na mesinha, pegou a garrafa e despejou mais cerveja para si. Só depois de se satisfazer teve a vontade de responder:

— Destruiríamos os inimigos que tivessem a coragem de nos ameaçar — disse calma, com uma expressão um pouco sofrida. Lembrava que foi esse tipo de situação que a fez ser levada para Valhalla. — A cerveja está muito boa, senhor Heimdall.

— Ela fala...

— Às vezes mais do que você imagina. Cheguei até mesmo a pensar em levá-la de volta a *Asgard* — olhou para a ruiva. — Obrigada, minha querida.

A guerreira confirmou mais uma vez com a cabeça, e ficou por ali mesmo. Pelo visto havia cansado de observar a cintilante ponte. A valquíria recostou-se na cadeira, se espreguiçou, e no fim voltou a se apoiar na mesa.

— Esta é uma das características mais interessantes do povo de *Midgard*. A resolução de forma rápida e direta dos conflitos.

— E você resolve da mesma forma, afinal veio do mesmo lugar.

Silenciosa fez uma expressão confusa devido a informação cedida pelo Guardião,

— Pode ser que seja por isso. Contudo, tudo já aconteceu há tempo demais, não consigo mais considerar como parte de mim — relatou a loira, arrastando um pouco a fala. — O que importa é o futuro.

— Ah, nisso eu concordo. Entretanto, do jeito que você comentou, parece-me que está pensando em realmente ir até *Niflheim* e assassinar Skadi. Acertei, não é? — perguntou o vigilante, assustado. Aquilo que se desenrolava em seus aposentos era algo inimaginável até para ele, um dos deuses mais velhos de *Asgard*.

— Irei conversar com ela primeiro, não se preocupe.

— Mas você nunca foi boa com conversas, Zero.

— E eu não disse que irei apenas conversar.

— Odin não vai gostar nada disso — Heimdall meneou a cabeça. — Sei que ele já conversou com você, e sei que ele revelou a você sobre a trégua que ele concordou com os gigantes.

— Meu querido Pai está tão passivo como um boneco de palha! — socou a mesa com força. Os copos pularam na mesa. — Raios! Por que todos aqui agem como se as coisas estivessem bem?!

O silêncio caiu no ambiente tão forte quanto o punho da Valquíria sobre a mesa. Yertha tinha seus olhos arregalados postos sobre a Valquíria, que encarava Heimdall, furiosa. O guardião pigarreou, e após um momento, disse:

— As coisas estão se estabilizando. Desde que Odin concordou com a trégua, percebi que as forças dos gigantes recuaram de suas posições na maioria das fronteiras principais — apoiou-se na mesa. — A guerra dará um tempo, você que não quer dar um tempo a ela.

— Eu quero acabar com ela, Heimdall. Todos vocês estão vidrados demais na ideia de um recomeço para um universo podre e desgastado como o nosso. Vocês sentem confiança em três mulheres que dizem a vocês para esperar as coisas acontecerem, quando na realidade deveríamos agir.

O destino era algo não muito agradável aos olhos de Zero, afinal ninguém nunca soube dizer nada sobre seu futuro. Sendo assim, não se sentia confortável em acreditar em algo que não se aplicava a ela.

— Seguimos as Nornas porque elas nunca erraram suas previsões. Elas sabem, elas conhecem o destino — o vigilante respondeu calmamente. — Admita, Zero, você sente um certo frio na barriga por não saber o que pode acontecer com você. Quem garante que você não seja assassinada quando atravessar a Bifrost? Ou quando cruzar o portal para *Niflheim*? — pausou por um tempo, voltando logo em seguida. — Ninguém, Zero. *Ninguém*.

— Conhece-me desde sempre, Heimdall, e sabe muito bem que não é isso. Eu *vi*, em meus sonhos, o cosmo vai acabar, e não haverá outra chance. Seremos dizimados por aqueles malditos que ousam se rebelar contra nós.

— E então o universo renascerá, e mais um ciclo de vida será iniciado.

— Tem certeza? — encarou duramente o guardião.

O barbudo não respondeu. Encheu mais um copo e bebeu tudo de uma vez só. Percebendo que não obteria nada mais além de estresse daquela conversa, Zero se levantou:

— Está enganado. Você verá, como sempre faz. E até esse dia chegar, viva sua doce e amável ilusão.

— Viverei, e beberei, por mim e por você também — soltou uma gargalhada, a qual foi repreendida por um olhar frio e cansado de uma guerreira há muito destruída.

— Tqir? Está aí algo que eu jamais imaginei que fosse acontecer — um careca, vestindo apenas suas roupas de baixo, jazia acorrentado em uma cela congelada. Tinha o queixo quadrado e sem barba, e suas sobrelhas eram quase uma só. — Veio para me ver acorrentado e quase nu, ou veio me fazer companhia?

— Irei lhe dever a companhia, Siegfried.

— Então veio mesmo me ver pelado — soltou uma gargalhada, a qual ecoou por toda a sala. O cavaleiro vermelho o encarou ferozmente. — Tudo bem, eu paro com isso, relaxe.

Tqir olhou ao redor. Viu um prato com restos de comida jogado no chão, e uma espécie de latrina um pouco ao fundo do lugar. Siegfried estava sentado logo ao lado da latrina, não parecendo se importar com o frio.

— Estou bastante curioso, sabe — começou Siegfried, levantando-se do chão frio. — Como me achou?

— Não foi algo muito complicado. Fiquei sabendo de um roubo em *Niflheim* de algo muito valioso. Menos de um dia depois, descobri que o ladrão fora capturado e trancafiado nas masmorras da rainha Skadi. O único ladrão burro o suficiente para ser pego um dia após o roubo que eu conheço é você.

Como se tivesse pressionado um botão de humor, o careca soltou mais uma gargalhada, dessa vez mais alta e demorada que a anterior. Quando parou, precisou secar as lágrimas nos olhos.

O que o cavaleiro vermelho falou era, em parte, verdade. Siegfried era, como espadachim, muito famoso, e como ladrão, ainda mais. Recebeu tais honrarias após roubar o tesouro sagrado do poderoso dragão Fafnir, e posteriormente, matá-lo. No entanto, após o acontecido, parece ter se tornado um ladrão mediano, sendo sempre pego logo em seguida do incidente.

— Faz sentido, meu amigo — levantou as mãos acorrentadas umas às outras. — Agora pelo visto irei apodrecer aqui nesse inferno gelado.

— Nesse frio, irá demorar bastante até isso acontecer — brincou com Siegfried. — Contudo, meu caro, tenho boas notícias para você.

— Skadi resolveu finalmente me matar? Até que enfim!

Tqir fitou-o, confuso. Pensou que o homem queria sair dali, não morrer por ali. Vendo a careta do cavaleiro vermelho, o careca retomou, dessa vez num tom decepcionado.

— Não é isso? Então me dá logo essas notícias tão boas.

O cavaleiro retirou da bolsinha que carregava, uma chave. A levantou para o alto, como se fosse algo divino.

— Vim para lhe libertar. Incrível, não é?

— Não vou mentir. Estou bastante impressionado, afinal para conseguir convencer aquela rainha louca a fazer alguma coisa, a pessoa tem que ser no mínimo, bem eloquente — a voz, que pareceu impressionada no começo, foi se tornando entediada. — Agora, vamos, me diga, o que você prometeu a ela para lhe dar a chave?

— Por que faz essa pergunta? Ela pode ter dado a chave apenas por prazer em ajudar um pobre espadachim.

— Você mente mal para caralho, Tqir. Além disso, Skadi nunca faz nada de graça. O que você prometeu a ela, diga!

Um silêncio preencheu o local por um breve momento. O cavaleiro vermelho estalou a língua e xingou baixinho, mas cedeu ao pedido do careca:

— Prometi o *Niflungar*.

— Você o quê?! — Arregalou os olhos, correndo para as grades da cela. — Ficou maluco? Eu não posso voltar a me encontrar com os Filhos da Névoa! Tive sorte de ser pego pela Skadi e não por eles!

— Então — murmurou, com vergonha de continuar. — Essa é a outra parte do acordo. A gente precisa convencer os Filhos da Névoa em formar uma aliança com Skadi.

Siegfried, indignado com o acordo horrível de seu amigo, começou a bater com a cabeça na grade. Por um instante, Tqir pensou que o homem iria se matar ali mesmo.

— Você quer roubar o anel mágico sagrado deles e ainda quer que eles ajudem o ladrão? Retiro o que disse, você não é bom, mas sim muito retardado — o careca concluiu, virando de costas para o cavaleiro vermelho. — A gente tem quanto tempo pra fazer isso antes que sejamos transformados em maravilhosas estátuas de gelo no salão do trono de Skadi?

— Três dias. Nem mais, nem menos.

— Poderia ter conseguido mais tempo ao menos, porra!

— Você mesmo falou que é quase impossível convencer ela de alguma coisa — reclamou Tqir, chutando a grade da cela. Teve sorte de sua bota ser de aço. — Tenho sorte de estar falando com você agora.

— Quer saber, apenas abre a merda da cela. Ao menos desse jeito eu consigo quebrar a sua cara.

Já estavam na entrada da *Himinbjörg*, esperando por Heimdall, o qual lembrou de algo que queria entregar para a valquíria.

O vento soprava tranquilamente, farfalhando as folhas que secavam das árvores, altas e robustas. Yertha permanecia sentada à sombra de uma delas, brincando com um galho quebrado, enquanto Zero aguardava o vigilante em frente à pesada porta de carvalho da torre, alisando o pomo de sua espada.

Quando voltou, Heimdall carregava consigo uma garrafa de vinho. Gravado nela, havia nove silhuetas flutuantes sobre as ondas, como se estivessem sendo sopradas pelo vento. Sorridente, o deus guardião ofereceu o vinho.

— Esta é a última garrafa de *Asloumund* que existe nos Nove Mundos. Como você sabe, minhas mães produziam esse vinho há muito tempo, mas pararam assim que a guerra se

tornou mais violenta — o *Guardião Vigilante* pareceu melancólico por um instante. Percebendo uma certa expressão de preocupação vinda de ambas as mulheres, sorriu mais uma vez. — Não adianta recusar. Se eu deixar por aqui, vai ficar apenas juntando pó. Já vocês, precisarão de algo para se aquecer na nevasca sem fim de *Niflheim*.

— Eu lhe agradeço, Heimdall — disse Zero, profundamente sincera. Pegou a garrafa. — Sei que não deve ser fácil se despedir de algo que deve lhe despertar muitas memórias.

— Realmente desperta. Não foi muito fácil ter que aguentar nove mães me dizendo o que fazer — soltou uma gargalhada. Toda a tristeza que pareceu ter, sumira naquele instante. — Quem sabe um dia não poderemos apreciar uma nova safra de *Aslound*, quando o *Ragnarök* chegar.

— Sim, claro — respondeu, mas gostaria de ter ido embora ao ouvir aquilo. — Assim quando tudo estiver acabado, devíamos ir até elas e pedir para que voltem a produzir — sorriu para o velho deus. Em seguida, o abraçou. — Até mais, meu amigo. Boa vigília.

Com um gesto, a valquíria chamou *Silenciosa*. Ambas subiram nos cavalos, e antes que pudessem partir, Heimdall chamou:

— Antes de ir, Zero, preciso lhe avisar uma coisa — sua expressão tornou-se sombria. — Quando subi para buscar o vinho, observei uma movimentação estranha no Vale Nebuloso. Os Filhos da Névoa estão se organizando para algo grande, mas aquele maldito lugar é muito bem protegido com uma barreira mágica, não consegui ver o que planejavam.

— Não os temo. São apenas seres perturbados, procurando algum sentido na vida além de proteger um suposto anel incrivelmente poderoso — comentou, acariciando a crina do corcel negro que montava. — Anel tal, que só funciona em *Niflheim*. Uma piada, se me permite dizer o que penso.

— Se os gigantes, principalmente Skadi, tomarem posse do *Niflungar*, poderão bloquear a passagem para *Niflheim* — revelou com calma. — E como você sabe, só é possível ir para *Helheim* se atravessar o Reino do Gelo Primordial. Então, minha cara valquíria, creio que você deva, sim, se preocupar com esse anel.

O anel de controle absoluto, refletiu Zero.

Às vezes, Zero se pegava perguntando sobre muitas questões esquisitas no cosmo, coisas que simplesmente não batiam com seu raciocínio. E uma delas era justamente sobre o famoso anel *Niflungar*, protegido com todas as forças pelos fanáticos magos do reino gelado.

Segundo todas as histórias, o anel é tão poderoso que permite ao usuário controlar até mesmo um único floco de neve por vez. Com ele, é possível modificar o terreno da maneira

que quiser e controlar todos os habitantes naturais de *Niflheim*. Tal anel, é o que muitos chamam de a chave-mestra do Reino do Gelo Primordial.

Analisando todas essas histórias, e o poder descomunal do *Niflungar*, a Valquíria começou a questionar a origem de tal objeto. Por mais que pesquisasse, ou perguntasse para os mais sábios seres do cosmo, ela simplesmente não fora capaz de encontrar uma resposta que não fosse a típica: “ninguém sabe ao certo de onde ele veio”.

Mas de uma coisa Zero tinha certeza: o objeto existira antes mesmo dos deuses se tornarem os soberanos. Antes dos gigantes brigarem por suas terras, e antes até mesmo do poderoso Ymir, o primeiro ser a existir.

No fim, a única explicação que conseguia chegar, era a de que o objeto fora criado utilizando-se do caos que separava os dois mundos primordiais, do Fogo e do Gelo – *Muspelheim* e *Niflheim*. Entretanto, tal teoria apenas lhe trazia ainda mais perguntas: quem poderia ter criado o artefato, se nada existiu, ou pode existir, dentro do caos?

Percebendo que Zero se mantinha em silêncio por muito tempo, Heimdall continuou:

— Devo notificá-la de que Hel tem se comunicado bastante com Skadi, e creio não precisar dizer que a rainha dos mortos odeia a sua pessoa.

— Sim, não precisa. O que quer dizer com isso? Que o súbito bloqueio da passagem para *Helheim* se dá por obra de Hel, que fez a mente de Skadi? — Indagou ao vigilante. Aquela ideia parecia absurda, mas na verdade era bem convincente aos olhos da Valquíria. — A rainha dos ossos pode até sentir ódio de mim, mas duvido que vá ao ponto de declarar guerra contra Odin.

— Por isso ela pediu para que Skadi trancasse a passagem para a cidadezinha dos mortos — concluiu, subitamente, Yertha, coçando seu pescoço devido a uma picada de mosquito. — A senhora de *Niflheim* já está no lado ruim do senhor Odin, e para ela, entrar em guerra com *Asgard* é fácil.

Heimdall apontou para a ruiva, indignado.

— Eu ia falar exatamente isso! Como você sabe que Odin não tem boas relações com Skadi?

— *Midgard* é o mundo onde todas as raças parecem se encontrar. Rumor vai, outro vem... acho que consegue entender — balbuciou umas palavras quaisquer, desconversando.

— Muito boa observação, *Silenciosa*. Inclusive, faz bastante sentido — suspirou. — No entanto, isso não altera meus planos. Para falar bem a verdade, vai facilitar tudo. Tal comportamento de Hel, se comprovado, mostra exatamente o que eu precisava: suas verdadeiras intenções.

— E quais seriam essas intenções?

— Ela quer dominar *Asgard* com seu exército de mortos. Quer assumir o trono no lugar de Odin. A mulher jamais se contentou com aquele horrendo trono em que ela senta todos os dias — a Valquíria olhou para o céu, estrelado. — E se ela tem o apoio de Skadi, certamente já tem o apoio de *Jotunheim*. Não podemos descartar as chances de *Svartalfheim* também ter se aliado a ela.

— Se isso for realmente verdade...

— Será o fim de todos nós, meu amigo — sorriu para Heimdall, serena. O vigilante parecia assustado, desacreditado daquilo tudo. — Ou não, pode ser que estejamos vendo coisas demais. Embora eu já havia lhe avisado que tudo *vai* piorar.

Yertha ainda se coçava, e a Valquíria agora observava atentamente a Ponte Arco-Íris. O corcel negro relinhou baixinho, enquanto a égua castanha da ruiva batia com a pata dianteira no chão, impaciente.

— Odin perguntará para onde fui, Heimdall — retomou o discurso. — Peço que não se acanhe, ou se encrenque por minha culpa.

— Se você vai realmente até *Niflheim* — o vigilante fitou a Valquíria por um instante, e só então retirou uma gasta moeda de cobre do bolso da calça. — Leve isso até as águas de *Midgard*, e entregue para *Jormungandr*.

— Do que uma moeda de cobre me será útil? Vou pagar minha passagem pelo portão de *Midgard*, ao invés de oferecer sangue?

— Você poderá falar com as *Senhoras das Ondas*. São elas que os Filhos da Névoa tanto veneram — arremessou a moeda para a Valquíria, que a guardou dentro do peitoral da armadura. — Com certeza serão de grande ajuda. Caso não deseje conversar com elas, utilize a moeda como uma forma de barganhar com os fanáticos.

— Pensarei no que fazer — disse Zero.

— Sei que vai, você sempre pensa.

— Até mais, Heimdall, fique em paz.

O *Guardião Vigilante* confirmou com a cabeça. Em seguida, Zero e Yertha bateram com os calcanhares nos cavalos e colocaram-se a galope. O velho deus ficou por um longo tempo ali, apenas observando as duas mulheres desaparecerem no horizonte brilhante da *Bifrost*.

— Com licença, meu Pai — Siegrdrifa abriu a porta para os aposentos de Odin de forma tão sutil que nem mesmo o poderoso deus percebera.

— Entre, e feche a porta — Odin estava sentado, lendo diversas cartas recém-chegadas de outros mundos. Tinha uma feição preocupada. — Diga-me o que deseja.

— Zero saiu de *Asgard*, os guardas do portão acabaram de nos avisar. Falaram que ela estava acompanhada de uma mulher, provavelmente a guerreira adquirida na última caçada.

— Sabem para onde ela possa ter ido — o Pai de Todos perguntou, olhando de soslaio para a valquíria.

— Perguntei a Heimdall, e o mesmo me disse que ela se encaminha para *Helheim*.

Quando ouviu o nome do lugar para onde a *Valquíria do Infinito* se dirigia, se recordou das palavras ditas por ela horas atrás. *Era isso que ela queria dizer com “fazer o que você não tem a capacidade de fazer”?*

— Algo de errado, meu Pai? Parece-me preocupado — indagou Siegrdrifa, indo até Odin. Parou em frente à mesa repleta de documentos, cartas e espessos livros.

— Chame Hugin e Munin, ordene que venham o mais depressa possível — exclamou o deus.

A *Bifrost*, apesar de muito bela, era extensa, até demais para o gosto de Zero. A Valquíria, após ter a longa conversa com Heimdall sobre o que acontecia em *Niflheim*, passou a sentir uma certa urgência de chegar a seu objetivo. Não poderia demorar muito para chegar até lá, ou Skadi conseguiria pôr as mãos no anel.

Mesmo com os cavalos a todo vapor, demoraram muito para cruzar a Ponte Arco-Íris. Quando terminaram o percurso, já havia amanhecido, e as montarias imploravam por descanso. Decidiram parar às margens de um pequeno lago, há cerca de trezentos metros da estrada que as levariam para o Reino do Gelo Primordial.

Embora o dia tenha acabado de começar, o sol não as perdoava. O calor era intenso, o vento era fraco, quase inexistente. A sorte lhes fora generosa, oferecendo-lhes água logo após a travessia.

A *Valquíria do Infinito*, aproveitando a parada, retirou as botas e mergulhou os pés na água, a qual impressionantemente já estava quente. Yertha se libertou das amarras que eram suas roupas e saltou para dentro do lago, seus cabelos ruivos se pareciam com finos tentáculos vermelhos flutuando na superfície. Emergiu entre as pernas de Zero, e em seguida, passou a massagear seus pés. A *Valquíria* encarou a mulher por um momento, surpresa, mas deixou que continuasse.

Olhava concentrada para cada movimento que a ruiva fazia. Circulares, verticais, horizontais. Acariciava ora com força, ora com delicadeza, e quando alisou a sola do pé, percebeu a valquíria estremecer. Soltou um risinho abafado.

— Quem diria, a poderosa *Ceifadora da Guerra* tem cócegas nos pés — disse, jamais desviando o olhar de sua tarefa. — Pelo visto, não importa o quanto se vive, sempre aprendemos coisas novas até o momento em que padecemos por completo.

— Todos temos o maldito costume de achar que ao adquirir poder, perde-se a capacidade de ter cócegas, sentir dor, ou coisas do gênero — jogou as mãos para trás e apoiou-se nelas. — Sinto lhe decepcionar.

— Não sinta — largou os pés de Zero, e se jogou para trás, flutuando na água. Ficou boiando, seus seios emergidos, recebendo a luz do sol. — Você nunca tira essa armadura? Desde que acordei em *Valhalla* vejo-a nela. Aquele lugar não era para ser onde vocês valquírias pudessem descansar e tudo mais?

— Tiro ela apenas quando preciso muito de um banho, ou quando não estou em serviço — respondeu à Yertha. Arqueou-se para frente, ficando apoiada com os cotovelos nas coxas. — E hoje não é nenhuma das duas opções. Já você, vejo que gosta bastante de um bom banho.

Silenciosa mergulhou. Tudo que a valquíria fez foi observar sua silhueta delgada submersa. Depois de alguns segundos, emergiu, balançando a cabeça e espalhando água para todos os lados.

— Gosto, principalmente quando está quente como hoje. Além disso, não sei quando poderei tomar outro, tendo em vista que estamos nos encaminhando para um mundo onde tudo é o mais puro gelo — Yertha explicou, fazendo movimentos circulares com as mãos na água. — Sem contar que a próxima parada depois do inferno congelante é o Reino dos Mortos, onde deve existir apenas ossos, almas, e árvores velhas e podres.

A valquíria esboçou um riso.

— Tem razão — levantou-se e começou a se despir. — Não acredito estar sendo convencida a mergulhar num lago por uma guerreira de *Midgard*. Se minhas irmãs me vissem agora, iriam com toda certeza rir da minha cara.

A ruiva ficou paralisada, observando Zero se livrar de cada peça de armadura. Luvas, braceletes, peitoral e calças. Depois, foi a vez de desenrolar as faixas que pressionavam seus modestos seios. Encarava o corpo escultural da valquíria quando corou, e mergulhou sua cabeça deixando apenas os olhos para fora.

Sem cerimônia, pulou no lago, num mergulho quase perfeito, o qual respingou o mínimo de água possível. Depois emergiu, em frente a *Silenciosa*, tão perto que conseguia sentir a respiração ofegante da mulher.

— Pronto, creio ter realizado seu desejo de me ver fora daquela armadura — falou de forma sedutora, acariciando o rosto de Yertha. — Está satisfeita?

— Ficarei ainda mais satisfeita se puder lavar suas costas — virou a valquíria de costas, e começou a alisá-las. Zero não reclamou, muito pelo contrário, fez com muita boa vontade.

Após um tempo mergulhadas no silêncio, Zero sugeriu:

— Chega de banho. Saíamos da água, precisamos seguir viagem.

Como ordenado, saíram do lago. Agora mantinham-se ajoelhadas, com Yertha desembaraçando os cabelos loiros da valquíria, penteando-os apenas com os dedos.

— Sabe, andei pensando — sussurrava no ouvido, num tom doce. — Em *Valhalla*, chamam-na de *Valquíria do Infinito*. Por quê?

— É uma longa história, minha querida, tem certeza que deseja ouvi-la?

— Sou toda ouvidos — desceu as carícias para os braços.

Zero ficou em silêncio. Por um breve período, ficou encarando as pequenas ondas que se formavam na superfície do lago devido a seus movimentos. *Por onde devo começar?*

— Há vários e vários anos, fui nada além de uma simples valquíria. A maioria do povo de *Asgard* me odiava, chamavam-me de *Selvagem*, pois não conseguia controlar minha raiva, nem minhas habilidades — sentiu os dedos de Yertha passarem dos braços para a nuca. — Alguns sentiam medo de mim, e foi do medo deles que me alimentei, e me aprimorei.

— Vejo que não aprimorou apenas suas habilidades — a guerreira desceu, alisando desde a nuca até metade das costas.

— Fui-me tornando cada vez mais infame à medida que o tempo passava — ignorou o comentário da mulher. Queria se concentrar apenas nos dedos que a acariciavam. — E quanto mais defeitos encontravam em mim para me rebaixar, mais armas fui adquirindo.

Subitamente, sentiu a guerreira se pressionar contra ela, seus seios roçando-lhe às costas. Sentiu uma das mãos de Yertha agarrar-lhe os seios. Segurou o gemido, e continuou a história.

— O ciclo continuou, tantas vezes que... — dos seios, a mão desceu, e desceu de novo, encontrando-se com sua intimidade. Dessa vez gemeu. No entanto, segurou a mão de Yertha, impedindo-a de continuar. — Por que está fazendo isso?

— Sinto uma conexão forte com você — tentou mover sua mão novamente, mas Zero apertou ainda mais forte seu pulso. — Está me machucando.

— Cortarei sua mão fora se não me der o motivo por trás dessas ações — respondeu, ainda de costas para a ruiva.

Yertha estremeceu, queria se soltar, mas não conseguia de forma alguma. Ao perceber que não teria jeito, abriu o jogo.

— Pensei que teria a chance de escapar se você acreditasse que estou do seu lado de verdade — a mulher murmurou. — A única maneira que pensei foi essa...

— Veio maquinando isso desde que nos despedimos de Heimdall, não é? Sabia, você estava quieta demais durante o percurso — soltou a mão da ruiva e se levantou. — Quer tanto assim fugir? Vá, desapareça daqui então, e seja devorada por criaturas que você nem ao menos sabe da existência.

Yertha manteve-se em silêncio, alisando o pulso que havia ficado avermelhado devido a força da Valquíria. Mesmo com o choque, levantou-se, vestiu as roupas e fitou Zero.

— Que você seja devorada por Nidhogg, Ceifadora — a ruiva disse, subindo em seu cavalo. — O cosmo há de ser bom ao menos uma vez.

E com isso deu de calcanhar no cavalo, logo sumindo no horizonte.

Um Anjo desce à Terra e desafia a humanidade a um jogo. Neste jogo, as emoções negativas da humanidade tomam forma, e apenas algumas pessoas com poderes especiais, chamadas de "jogadores", podem detê-las. Sem um objetivo claro num mundo à beira do Apocalipse, uma dupla se ergue para desafiar todas as possibilidades e dar um fim ao jogo.

